

Existência, resistência e muito amor no semiárido



Edite Cruz e Lúcia Nascimento no dia do casamento

Na comunidade Várzea das Pedras, em Aracoiaba, Ceará, é onde habita o amor. Edite Cruz e Lúcia Nascimento são duas mulheres que se uniram para compartilhar suas vidas, entrelaçadas de lutas, conquistas e afetos entre si e pela terra. Edite nos conta entusiasmada toda a sua história. De origem camponesa, seus pais tiveram 17 filhos, sendo que 14 estão vivos. À medida que ficaram adultos, foram mudando pra outros lugares. Ela foi uma das que ficaram para trabalhar plantando feijão e milho e também colhendo castanha, fazendo cercas...sempre no ambiente da agricultura.

Amor e fé

Ed tem muita fé em Deus e foi nas Santas Missões da igreja que conheceu o amor de sua vida, no município de Pacoti, onde Lúcia morava. *“Pela minha fé e pelo que conheço de Jesus, foi ele quem nos uniu. Olha o ambiente onde nos conhecemos: dentro da igreja! Quando olhei pro altar e vi aquela menina, aqueles cabelão e tal... meu coração bateu forte e eu disse...*

Meu Deus do céu! Não acredito! Se for da Tua parte, continua. Se for do inimigo, tira de perto de mim”, recorda sorrindo. Lúcia era missionária local.

No dia seguinte, Lu foi guiar o grupo nas visitas e começaram a conversar, sem demonstrar que sentia o mesmo que Ed. Na época, as duas tinham namorados. Eram tempos de lan house, início de redes sociais e Ed foi procurar pela Lu no Orkut! Ela conseguiu o telefone de Lu e a convidou para visitá-la. Para surpresa de Lu, sua mãe permitiu que ela fosse passear na casa da amiga. Só nesse momento, começaram a expressar seus sentimentos, ainda com dúvidas sobre suas sexualidades, sobre pecado...

“Tive muito conflito, achava que eu ia pra aquele canto (inferno)... Pensava muito no que as pessoas iam dizer, como iriam me tratar”, afirmou Edite. “Mas quando eu decidi que era isso o que eu queria, cheguei pro pai e a pra mãe e falei. Meu maior medo era do meu pai se tornar violento e da minha mãe que tinha problemas de coração. Daí meu medo era dela passar mal e eu levar a culpa”.



Os pais de Lúcia, dona Alzenira e seu Francisco no casamento.

Para sua surpresa, ele reagiu bem. Seu Raimundo, que é agricultor, disse: *“Eu já sabia, coração de pai não se engana. A vida é sua, faça o que você quiser”*. Muito aflita, Ed perguntou se ela precisava sair de casa, onde seu Raimundo respondeu: *“Tu é doida, menina! E tu vai simhora pra onde? Que arrumação é essa? A vida pessoal dos outros, o caba não pode fazer nada”*. Ed ficou numa alegria imensa.

Após quatro meses, Lu falou pra sua família.

Mas nem tudo é só felicidade. Nesse período, o casal passou por várias situações de rejeição e preconceito de alguns familiares, mas não se deixaram abater. *“Nós não permitimos que essas palavras nos calem ou nos machuque. A gente nunca chegou a apanhar, como acontece com muitas pessoas. A nossa realidade é muito branda. A gente também não era tão vulnerável. Eu ficava sempre na defensiva, podiam falar o que quisessem comigo, mas com ela não, porque senão eu fumava numa quenga (ficava zangada). E com o tempo, a gente passou a frequentar as casas das pessoas e elas a nossa. Hoje estamos casadas no papel, cada uma recebeu o sobrenome da outra e vivemos uma relação de respeito entre todos”*, falou Ed.



Seu Raimundo, Lúcia, dona Cecília e Edite

“Somos duas pessoas que não fazemos mal a ninguém. Pelo contrário, a gente se doa pras pessoas, pro que elas precisarem. Então não tem porquê as pessoas odiarem a gente” Ed



Ed se emociona ao lembrar de um dia em que estavam nos cajueiros apanhando castanha, num sol escaldante do meio-dia, quando a Lu começou a chorar e dizer *“isso não é vida pra mim, trabalhar nessas condições.”* Ed pediu que ela se acalmasse, que logo tudo ia melhorar. Daí, precisaram mudar-se para Fortaleza, Lu foi trabalhar como babá e Ed numa loja de conveniência de um posto de gasolina. Ficaram apenas um mês e retornaram, de mala e cuia. Não aguentaram a vida na cidade grande, tinham medo da violência, tudo era caro, muito barulho... As poucas coisas que conseguiram, deixaram nas casas de parentes. Isso começando a pandemia. Com os poucos recursos, pensaram em construir um quartinho. A comunidade se mobilizou e doaram materiais de construção. Ed acredita que essa atitude das pessoas se deve ao fato de perceberem que elas eram mulheres lutadoras, corajosas e que tinham o propósito de cultivar a terra e serem felizes. Nesse retorno à comunidade, o casal foi trabalhar na colheita de castanha e nos plantios, enquanto levantavam as paredes do sonhado lar. Com muita vontade de crescer, as duas trabalharam numa pequena fábrica de beneficiamento de castanha na comunidade.

Ser mulher, agricultora e amar outra mulher

“Quando a gente decidiu que é isso mesmo que a gente quer, não vamos viver debaixo de asa de pai e mãe. Na época da castanha, a gente trabalha e junta o dinheiro pra gente comer no inverno. E na época das chuvas, a gente planta feijão e milho. O feijão, a gente faz o processo de secagem e armazenamento em garrafas pet, e guarda pra comer. O milho a gente passa na forrageira com o sabugo e dá pras nossas galinhas e porcos. Mas nesses tempos a gente pega todo tipo de serviço. Não botamos boneco (dificuldade) pra nada!”, disse Ed. As agricultoras dividem as tarefas diárias de forma muito organizada e ainda participam de capacitações. Fizeram cursos de beneficiamento do caju, onde aprenderam a fazer a carne do caju e a cajuína (bebida muito apreciada no Ceará).



Ed e Lu selecionando as castanhas e colhendo o milho

Um dia, o agente de saúde local adoeceu, precisando ser substituído. Ed foi indicada como contratada, passando a atender as comunidades próximas e nesse período, fez o concurso público do seu município e foi aprovada!





Lu e Ed cuidando do canteiro

Se engana quem pensa que elas vivem isoladas. Ed movimenta as redes sociais publicando vídeos do seu cotidiano, falando como é a vida no sertão. Ela fala das dificuldades mas principalmente das coisas boas que não deixam ela sair de lá de jeito nenhum. Lu também gosta de mexer com a terra e disse que se adaptou rápido ao clima, pois onde morava é serra e bem diferente.



Hora de alimentar as galinhas

E agora, após receber a cisterna de primeira água do Programa Cisternas, ela conta que não vê a hora de também ser beneficiada com a cisterna de água para produção, já enxergando as possibilidades de expandir sua horta e a criação de galinhas e porcos.

Planos para o futuro as duas tem muitos. Entre eles, aumentar a família, mas ambas concordam que ainda não é o momento, pois acreditam precisar de mais tempo pra se organizarem, concluírem a casa e ter um pouco de segurança financeira e também se prepararem pra dar uma boa educação.

Coragem, resistência e bom humor estão estampados nos rostos delas.

“A gente vai continuar filtrando as palavras e ações das pessoas. Se for coisa boa, a gente pega e se for coisa ruim a gente se arreda, pra isso não nos envenenar”, diz Ed com um largo sorriso.



Ed e Lu felizes com a conquista da cisterna de primeira água